



## Conceição Lima, Maria Alexandre Dáskalos e Vera Duarte: da apropriação e projeção do locus no processo de autoconhecimento

Ana Rocha<sup>1</sup>

### RESUMO

Na exposição intitulada “Conceição Lima, Maria Alexandre Dáskalos e Vera Duarte: da apropriação do locus no processo de autoconhecimento” pretende-se apresentar e analisar a obra poética destes três poetas africanas, incidindo sobre a problemática da identidade coletiva e da afirmação da identidade de género nos três diferentes contextos, no contexto santomense, angolano e cabo-verdiano. Para tal, iremos compreender o modo como as autoras mergulham no passado dos seus países e na memória individual e coletiva para recuperarem uma identidade nacional e para melhor se compreenderem nela enquanto mulheres e seres moldados por opressões várias. Neste processo, as três escolhem a poesia como linguagem teórica para a reflexão e apresentação. Recorreremos ao conceito de margem enquanto local estratégico, de bell hooks, para compreendermos o uso desta teorização realizada esteticamente, bem como o modo como a margem se converte em local de resistência, através do desenvolvimento de uma estratégia de afirmação que vence o medo e o complexo. Acrescentaremos o conceito de “La facultad” de Gloria Anzaldúa que explica como o medo atua nesse local marginal e as capacidades e características que isso desenvolve no ser da margem. Concluiremos compreendendo estas produções da margem enquanto resistência e criação por oposição à “surfemme” descrita por Julia Kristeva.

**Palavras-chave:** Poesia, São Tomé e Príncipe, Angola, Cabo-Verde, feminino, margem.

**Abstract** This exhibition entitled “Conceição Lima, Maria Alexandre Dáskalos and Vera Duarte: the appropriation of the locus in the process of self-knowledge” intends to present and analyze the poetic work of these three African poets, focusing on the question of collective identity and the affirmation of gender identity in these three different contexts, in San Tome, Angola and Cape Verde. To this end, we will understand how the authors search deep in the past of their countries and in their individual and collective memories to recover a national identity and to better understand themselves in it as women and as

<sup>1</sup> Doutora em Literatura de Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com especialidade em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Membro colaboradora do Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

beings shaped by various oppressions. In this process, the three poets choose poetry as a theoretical language for reflection and presentation. We will choose bell hooks's concept of the margin as a strategic place to understand the use of this theorization carried out aesthetically, as well as the way in which the margin becomes a place of struggle, through the development of a strategy of affirmation that overcomes fear and complex. We will add Gloria Anzaldúa's conception of "La facultad" that explains how fear acts in this marginal place and the capacities and characteristics it develops in the being that lives in the margin. We will conclude by understanding these productions of the margin as resistance and creation opposing it to the "surfemme" described by Julia Kristeva.

**Keywords:** Poetry, São Tome e Principe, Angola, Cape Verde, feminine, margin.

**Resumen:** La exposición titulada "Conceição Lima, Maria Alexandre Dáskalos y Vera Duarte: sobre la apropiación del locus en el proceso de autoconocimiento" pretende presentar y analizar la obra poética de estas tres poetisas africanas, centrándose en el problema de la identidad colectiva y la afirmación de la identidad de género en los tres diferentes contextos, en el contexto de San Tome, el contexto angoleño y caboverdiano. Para ello, comprenderemos cómo las autoras indagan en el pasado de sus países y en la memoria individual y colectiva para recuperar una identidad nacional y entenderse mejor en ella como mujeres y seres moldeados por diversas opresiones. En este proceso, las tres eligen la poesía como lenguaje teórico de reflexión y presentación. Recurriremos al concepto de bell hooks del margen como lugar estratégico para comprender el uso de esta teorización realizada estéticamente, así como la forma en que el margen se convierte en un lugar de resistencia, a través del desarrollo de una estrategia de afirmación que supera el miedo y complejo. Agregaremos la concepción de "La facultad" de Gloria Anzaldúa que explica cómo actúa el miedo en este lugar marginal y las capacidades y características que este desarrolla en el ser del margen. Concluiremos entendiendo estas producciones del margen como resistencia y creación diferente de la "surfemme" descrita por Julia Kristeva.

**Palabras-clave:** Poesía, San Tome y Principe, Angola, Cabo-Verde, femenino, margen.

## Introdução

*The truth of our bodies and our minds has been mystified to us.*  
Adrienne Rich

Contemporâneas entre si, as poesias de Conceição Lima, Maria Alexandre Dáskalos e Vera Duarte foram escritas em três países africanos diferentes: São Tomé e Príncipe, Angola e Cabo Verde, respectivamente. Pese embora a diferença cultural e geográfica entre estes três espaços, um passado de colonização, exploração, miscigenação e interferências estrangeiras os aproxima. Evidentemente, estes processos não se proporcionaram da

mesma e exacta maneira nos três países, nem resultaram com iguais consequências; porém, no campo da literatura, fomentaram uma temática que os une: o desejo de descoberta do local e seu passado para melhor compreensão do momento presente, da identidade coletiva e cultural em que se inserem e dos seus lugares individuais nesse conjunto.

Nesta exposição, iremos tentar compreender, através das poesias destas três autoras, de que forma os locais e as suas histórias interferiram nas construções das suas identidades de género e como elas os encarnam ou encaram. Para tal, começaremos por verificar o modo como, na literatura, a descrição e a caracterização do território (en)cantou e contou o local, cristalizando-o e delimitando dentro dele os espaços de mobilidade da mulher e o próprio conceito de feminilidade.

Como lembra Catherine Coquery-Vidrovich, em *Les Africaines*, a imagem da mulher africana foi desde longa data prevertida, sobretudo, pelo olhar ocidental (COQUERY-VIDROVICH, 2013). Por certo, o discurso colonial de cariz sexuado instaurou a metáfora do território enquanto mulher, onde, como explica Catarina Martins, a mulher é “associada à terra africana, conquistável e à mercê do acto de posse do homem” (MARTINS, 2011, p. 123). Ela-Terra é virgem, sensual, inexplorada e fértil. Ou seja, a mulher é disponível, vulnerável, passiva e, posto que é apenas corpo, ela é silenciada.

Nas literaturas africanas, a mesma metáfora da terra-mulher é adotada. Numa literatura que se insurgiu contra o domínio colonial, é nela visível a necessidade de cantar o território como espaço a que pertence uma cultura autóctone que se deseja afirmada e reconhecida. Os sujeitos poéticos apresentam-se simultaneamente como filhos e donos da terra, e ela é ora a figura da mãe, ora a figura da amada; um ventre de onde se nasceu e o qual se deseja fecundar. Também a figura da mulher, nomeadamente a mulher negra, é descrita como passiva e vítima, desprovida não só de voz, mas até de sentimento. Ela é objeto através do qual o poeta homem descreve o sofrimento e degredo causados pelo colonialismo, como podemos verificar, por exemplo, no poema “Mulher Negra”, do poeta angolano Alexandre Dáskalos:

Mulher sofredora  
Sem lágrimas de pranto  
Cadela de filhos roubados  
Afogados e açaimados

Mulher do branco  
Prostituta dos matos e das ruas fáceis  
(...)  
Entre os seus braços  
O único refúgio  
O certo amparo  
(...)

Mãe  
Mulher das longas vigílias da febre  
(...)  
Dando-se sem esperança  
Mulher do corpo gasto  
Sem lábios já para sentir  
O travo da traição  
(...)  
Mãe dos filhos abandonados  
Mãe dos filhos que matam por vingança  
Mãe dos filhos que procuram redimir  
A carne dos pecados do mundo  
(...)  
Mãe cujos filhos saberão  
Saber dos privilégios  
Das tuas virtudes  
E dar a mão a todos os homens  
Na face da terra

Mãe!  
Nada pelo que passaste  
E sofreste  
Mãe  
Será em vão  
(DÁSKALOS, 1975, p. 41).

Escolhemos este poema, porque nele ficam claros os vários estereótipos associados à mulher africana e à mulher negra. No poema, a mulher é desprovida de consciência, de dor e de ação independente. Ela é abusada pelo branco e por outros. Ela é corpo que a própria não sente e desconhece. A mulher é a vítima que será salva pelos seus filhos, mas que em nenhum momento tem parte ativa nessa salvação, nem iniciativa. Para este apagamento da ação feminina na poesia anticolonial africana, contribuiu, também, o discurso nacionalista que cantou o povo como um todo homogêneo, não destacando a ação das mulheres nessa luta e nessa consciência.

A imagem da mulher negra e africana como reflexo consequente da decadência da

sociedade colonial, a par da imagem da mulher sensual constituem os parâmetros dentro dos quais o conceito de feminilidade poderia ter ficado enclausurado. Do segundo aspecto, temos, como testemunho, o poema “*Femme Noire*” do poeta senegalês Léopold Sédar Senghor, que foi igualmente o primeiro presidente do Senegal independente, onde a mulher é “nua”, “vestida de cor que é vida, de forma que é/beleza”, “Terra prometida”, “fruto maduro de carne firme”, “Savana de horizontes puros, savana que estremece às carícias do Vento de Este”, “Tamtam esculpido”, “óleo”, “gazela”, “cabeleira”, etc. (SENGHOR, 2006, p. 18 - 19) (tradução nossa).

Talvez por exigir quase apenas “*a room of one’s own*” (usando aqui metaforicamente um dos títulos de Virginia Woolf), será também a literatura o espaço eleito pelas mulheres para utilizarem a sua criatividade e voz, que, afinal, desde sempre, possuíram. É através da literatura que “A relação com a tradição é invertida: de vítimas impotentes, no discurso masculino, as mulheres passam a sujeitos criativos, com capacidade de escolha e de negociação, inclusivamente no que diz respeito à sexualidade” (MARTINS, 2011, p. 143).

As mulheres africanas passam a escrever sobre a sua identidade e intimidade e “sensíveis aos problemas das suas irmãs, (...) escrevem, sobretudo, sobre o que elas conhecem melhor, aquilo que as (co)move e segue para elas um combate: a condição feminina” (COQUERY-VIDROVITCH, 2013, p. 351) (tradução nossa). Porém, e como afirmou Conceição Lima aquando de um encontro de mulheres negras no Brasil, “a escrita individualiza profundamente”, por isso, iremos ver como estas três poetisas lidam, nos seus processos individuais, com esse “combate”<sup>2</sup>. Para esta análise, dado o espaço de que aqui dispomos, utilizaremos um pequeno *corpus* de poemas de cada autora.

Conceição Lima, poeta são-tomense, apresenta-nos, ao longo dos seus três livros, uma viagem que é a do sujeito poético e profundamente interior, mas que constantemente apreende e projeta o que a rodeia. Utilizando as suas memórias de infância, as memórias e histórias de outros e de outras, a paisagem e a sua história, Conceição vai (re)construindo as noções de “casa”, “lugar”, “ilha”, “país” e “continente”.

Na poesia de Conceição, a “ilha” não é um lugar isolado, mas, antes, um espaço que apela ao arquipélago e ao continente, como metaforiza o próprio título do livro *O país de*

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uhbdzjKqEk>. Acesso em: 03 nov .2021.

*Akendenguê*, que mais não é do que uma sinédoque de África, compreendida através da escolha do nome do músico e musicólogo panafricanista do Gabão. Talvez influenciada pelos versos de Aimé Césaire, que canta a ilha como uma viúva que apela, na poesia da são-tomense, a ilha surge-nos como feminina, posto que é “útero”, mas, por isso, também, a poeta reivindica para a ilha o título de “Mátria” – expressão que Conceição utiliza na poesia e em entrevistas e que dá título ao poema que inaugura o seu primeiro livro.

A ilha, a casa, a praia de Santana e a Avó deste “eu” são revestidas de características tidas como femininas; porém, aqui, de uma nova forma contadas, pois detentoras de conhecimento, força e iniciativa. A praia de Santana – terra natal da poeta – é um “corpo erguido que se amotina” (LIMA, 2004, p. 45). Este curto verso entra em pleno confronto com a forma como na literatura anticolonial os poetas homens descreviam o lugar e o continente. A sua avó, Sam Novi, é-nos apresentada como sábia, a mulher que detinha todos os segredos medicinais e todas as curas:

“É nos teus olhos que acorda/ o jardim das plantas boas./ Cada cheiro guarda um nome/ O orvalho renova a história da cura. (...) A nervura é uma linguagem.// Avó, lembro-me dos pingos, a luz do matrusso/ na mão que espremia o amargo milagre” (LIMA, 2011, p. 101).

Ainda na poesia de Conceição Lima, encontramos várias homenagens a mulheres que fizeram parte da luta, como a poeta Alda Espírito Santo, que Conceição admira e tem como mentora de toda uma geração, e, de igual modo, homenagens a mulheres anónimas, que aqui não são apresentadas como vítimas, e cujas histórias servem à autora para denunciar a marginalização de que eram alvo as mulheres, como foi o caso de Gertrudis Oko. Segundo o afirmado por Inocência Mata, na apresentação do livro da sua conterrânea, em Lisboa, o marido de Gertrudis estava preso, mas foi só passados já três anos de cárcere que esta mulher foi informada de que, afinal, o seu marido há muito teria morrido. Gertrudis ficou viúva e sem mais informações acerca do seu companheiro depois de tanta espera. Gertrudis caminhou sempre, durante três anos, nas suas idas diárias à prisão, assim como o “eu poético” que, como percebemos no poema “Circum-navegação”, caminha e é um ser em movimento constante ao qual a própria ilha apela. Assim, a nossa poeta renova e altera o discurso masculino da passividade, apatia e vitimização femininas e insere, definitivamente, a mulher na história e representação do coletivo.

Na poesia da angolana Maria Alexandre Dáskalos, que nos deixou no presente ano

de 2021, a passividade e inércia supostamente femininas também não têm lugar. O movimento, o ato de caminhar e observar é característico do sujeito poético de Dáskalos: “Da resignação nada sei/ O mar está encapelado// sou um barco./ Guardo os sapatos, fecho as portas/ passeio à chuva” (DÁSKALOS, 2006).

Na poesia de Dáskalos, vemos, como o lugar da marginalizada pode ser, e é, segundo bell hooks, um lugar estratégico, um lugar de denúncia (HOOKS, 1989, p. 206): “Repara que/ das interdições dos gestos/ brotou uma flor” (DÁSKALOS, 2006). Esta característica é ainda visível no poema “Gosto de ti quando acendes as luzes”, no qual, após a descrição do lugar, o sujeito conclui: “Pudera eu ter a Palavra e diria:/ Esta cidade é mulher”. A cidade-mulher é, neste poema, uma estratégia: “Gosto de ti quando acendes as luzes/ Escondes assim os teus defeitos e são tantos”. A cidade-mulher readapta-se constantemente ao interlocutor e apenas revela a alguns aquilo que aos outros camufla:

Mas esperas a lua e guardas para ela os risos, a maresia e o silêncio.  
Então te espelhaste nas águas enquanto nós te cobrimos de infâmia.  
Nem as vozes, a música, os ruídos que te percorrem  
perturbam o teu silêncio.  
Aos loucos e só a eles tornas intérpretes  
de um fantástico espectáculo nocturno.  
(idem; ibidem).

Esta faculdade, entendida no poema como feminina, remete-nos para a “*La facultad*” descrita pela escritora e intelectual mexicana, chicana e estado-unidense Gloria Anzaldúa, segundo a qual o ser marginalizado desenvolve a estratégia de se moldar ao contexto e ao interlocutor:

*La facultad* é a capacidade de ver na superfície do fenómeno o significado de realidades profundas, ver a profunda estrutura por debaixo da superfície (...) É algo que entra todos os dias no nosso modo de percepção, que causa uma quebra na nossa defesa e resistência. (ANZALDÚA, 2012, p. 60) (tradução nossa).

Ou seja, *La facultad* é uma característica que permite ao ser humano defender a sua identidade, não a colocando em confronto com o exterior com o qual choca, permitindo-lhe preservar-se de dores, incompreensões, lutas ou depressões causadas por esse combate com o externo.

Este conflito entre o que é um comportamento socialmente aceite ou não, também o encontramos ao longo da poesia da cabo-verdiana Vera Duarte, através da percepção do

confronto entre o desejo e a aparente calma do recalçamento do primeiro.

Numa poesia mais intimista, por seu lado, Vera Duarte utiliza o tal espaço do escondido, o espaço de segurança de “*La facultad*” como estratégico, como ponto de início para um descobrimento de si mesma e da verdade. Para Vera Duarte, a própria escrita é uma forma de lidar com esse processo: “a encher páginas clandestinas” (DUARTE, 1993, p. 31).

Na poesia de Vera é denunciado o estado de loucura que pode provocar o confronto entre o desejo que se sente e os valores impostos:

Como sou louca em declarar o meu amor suicidário (...) Não lhe bastou a moral cristã que me foi inculcada nem a moral revolucionária que livremente aceitei (...) os preconceitos, os conselhos. Não lhe bastou mesmo o esquecimento voluntário, o refúgio no inconsciente. Bruscamente, a contragosto, ele impõe-se como amor louco, como algo subterraneamente incontrolável. (DUARTE, 1993, p. 31).

O sujeito poético sabe e compreende a contradição que é consequente de uma construção identitária influenciada e moldada por uma sociedade: “A minha ancestralidade plasmada sobre a baía e o porto grande que se abre ao infinito gerou-me. O que eu própria fiz por mim foram pequenos retoques de (dita) cultura”. Esse molde limitou as ações e os desejos: “Mutilar a alma, sacrificar as paixões em nome das conveções que nos fazem civilização e grandeza”. (idem; *ibidem*, p. 39; 55).

Consciente dessa carga histórica e social, - que lhe fecha as portas da cidade, parafraseando um poema seu -, que lhe é adicionada enquanto mulher e que lhe impõe um papel passivo e uma constante castração dos impulsos e emoções (“choro da dor de me saber mulher feita não para amar mas para ser amada”), o “eu poético” de Vera Duarte irá, através dessa consciência, procurar a separação, dentro de si, do que lhe é inerente e do que lhe é imposto e aplicado:

O meu ser nascido livre se revolta (...) por isso quero desvendar os universos proibidos e purificar-me. Penetrar nos bastidores da minha condição humana e lutar contra os preconceitos e a opressão que castram. Desprezar, com ódio acumulado, os fariseus da minha história e voar, na plenitude do meu ser nascido livre, de encontro às aspirações da alma (DUARTE, 1993, p. 40).

A literatura confere a estas mulheres a prática de um direito e um lugar onde podem, sem medos, preconceitos ou complexos, expor as suas individualidades. O

pretendido do lugar em que se inserem é que seja um espaço onde ambos os sexos coabitam numa relação de respeito, união e interdependência para o funcionamento de um coletivo, sem nunca caírem nos extremos do isolamento ou do não revelar as suas dores por medo de associações machistas à fragilidade, como acontece no caso da “*surfemme*”, descrita por Julia Kristeva. Ao contrário da “*surfemme*”, altamente independente, quase robótica, influenciada e construída pelo receio de preconceitos machistas sociais, estas mulheres pretendem a liberdade de todos os modos em que atuam essas convenções, sem criar hierarquias, nem fossos de incompreensão: “A dependência, chama-se, então, amor (...) A civilização não é ela completamente uma conversação, um caleidoscópio de dependências medidas?” (KRISTEVA, 2013, p. 37-38).

## Referências

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands**. La Frontera. The new mestiza. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

COQUERY-VIDROVICH, Catherine. **Les africaines**. Histoire des femmes d’Afrique subsaharienne du XIXe au Xxe siècle. Paris: La Découverte, 2013.

DÁSKALOS, Maria Alexandre . **Poemas**. Luanda: Edição da família do autor, 1975.

DÁSKALOS, Maria Alexandre. **Jardim das delícias**. Lisboa: Caminho, 2003.

DUARTE, Vera. **Amanhã Amadrugada**. Lisboa: Vega, 1993.

HOOKS, Bell. Choosing the margin as a space of radical openness, **Yearnings: Race, Gender and Cultural Politics**. 1989.

KRISTEVA, Julia. **Seule une femme**. La Tour d’Aigles: Éditions de l’aube, 2013.

LIMA, Conceição. **O útero da casa**. Lisboa: Caminho, 2004.

LIMA, Conceição. **O país de Akendenguê**. Lisboa: Caminho, 2011

MARTINS, Catarina. ‘**La noire de...**’ **tem nome e tem voz**. A narrativa de mulheres africanas anglófonas e francófonas para lá da Mãe África, dos nacionalismos anticoloniais e de outras ocupações, *e-cadernos CES*, 12, 2011.

RICH, Adrienne. **Adrienne Rich’s Poetry and Prose**. Londres: W.W. Norton & Company, 1993.

SENGHOR, Léopold Sédar. **Oeuvre poétique**. Paris: Éditions Seuil, 2006.